



Dossiê Devir Menor

(org.: Susana Caló)

■ Devir menor, espaço, território e emancipação social. Perspectivas a partir da Ibero-América

Susana Caló

Apresentação

Devir Menor, Espaço, Território e Emancipação Social. Perspectivas a partir da Ibero-América é uma investigação que tem como objectivo interrogar a dimensão espacial das formas e práticas de emancipação social na contemporaneidade. Inicialmente formulado no âmbito de um pensamento ético-político da literatura na filosofia política de Deleuze e Guattari na obra sobre *Kafka* e retomado no volume II de *Capitalismo e Esquizofrenia*, o conceito de *devir menor* serve de ponto de partida ao projecto, e refere-se ao processo pelo qual se criam aberturas à variação num contexto determinado por uma língua dominante, segunda a ideia de que subjacente a uma língua unitária está uma operação de poder que se impõe sobre uma multiplicidade política. Mais concretamente, refere-se a uma prática de contra-investimento, exercida sobre as estruturas de poder por forma a abrir espaços para a vida e para a heterogeneidade.

Tendo no horizonte a crescente mercantilização da cidade e do território que cada vez mais se afirma como uma tendência dominante, com consequências diretas sobre as formas de vida, procuramos traçar alternativas a este modelo e examinar processos de resistência como são, entre outros, a toma de terras na Argentina, as lutas dos sem-terra no Brasil, ou também as ocupações do espaço público que têm ocorrido agora com grande visibilidade no Sul da Europa.

O conjunto de contribuições aqui reunido foca principalmente três dimensões:

- a ficção do território enquanto disputa sobre identidade;
- a questão da terra enquanto luta por direitos a outras formas de produção e modos de existência;
- e a questão do habitar na luta pela politização colectiva da cidade e do urbano.

Da mesma forma, e reconhecendo a transversalidade destas problemáticas, esta investigação confere particular atenção à articulação entre campos profissionais e disciplinares (urbanismo e arquitectura) e práticas espaciais desenvolvidas por movimentos sociais no âmbito de processos de autonomização cívica e emancipação social.

Finalmente, o próprio contexto geográfico em que este projecto se insere assume contornos que exigem problematização. É preciso ter em atenção que a Ibero-América enquanto constructo projecta sobre um amplo e diverso território uma ideia de unidade que remete a um passado colonial. Numa primeira instância esta aproximação entre a América Latina e a Península Ibérica não pode, portanto, ser entendida sem a consciência de uma história colonial e de uma modelação identitária que resulta na ofuscação da divergência e da diversidade existente no espaço deste território. Contudo, mais do que uma limitação, aqui a Ibero-América é uma possibilidade de trabalho. E ao contrário da unidade investida no constructo, o resultado que se procura não é uma mostra unitária, mas uma multiplicidade e heterogeneidade de práticas espaciais e concepções de território que emergem deste espaço e das quais é possível tirar partido. Assim, centramo-nos aqui nas possibilidades de abertura a outras experiências e práticas de emancipação, procurando estabelecer ligações e cruzamentos entre diversas noções de território e de prática, de vida e de relações socioespaciais.

Por último, a pergunta que quisemos colocar foi de que modo um entendimento *menor* das práticas do espaço abre possibilidades para a emergência de formas de viver e de habitar mais democráticas. Como conclusão, ressalva-se um entendimento ético-político do *menor*; isto é, que segue o imperativo de uma prática, que diz respeito a uma tensão e articulação produtiva entre movimentos sociais e instituições, com vista à consagração em direito a outros modos de organização, outros modos de produção, outros territórios e modos de vida.

Deste modo, iniciamos este dossier com a exploração cuidada do conceito de *devoir menor* avançado por Deleuze e Guattari, e o seu desenvolvimento por relação com a axiomática do capital na forma do problema do *minoritário*. Neste texto, intitulado *Devoir Autónomo e Imprevisto: Por novos espaços de liberdade*, proponho reavaliar o conceito na medida de uma prática de resistência que articula uma micropolítica e uma macropolítica, alertando para os perigos de confundir o menor com o pequeno, o independente ou o marginal. Trabalha-se a ideia de que a luta pelos espaços da existência é uma luta pela vida, e que defender o direito ao território é também defender o direito à participação na invenção de um mundo.

Prosseguimos com *O Sul também não existe. A arquitectura ficcional da América Latina* de Eduardo Pellejero, em que o autor explora uma série de casos da literatura do último século – ficções coloniais e nacionalistas modernas e, em contraste, formas “menores” de ficção e “desincorporação literária” – para desenvolver uma ideia de literatura que se opõe a narrativas hegemónicas e às identificações imaginárias que modelam o território permitindo-nos compreender o seu potencial de resistência.

O terceiro ensaio, *Devir-Mundo das Práticas Menores* é de Anne Querrien que a partir da ideia da escola enquanto lugar de articulação da heterogeneidade do território procura expandir o pensamento das práticas espaciais críticas com vista a uma abertura à participação e autogestão do espaço.

A reflexão seguinte, desenvolvida por Patricio del Real, com o título *Dionora. Para Uma arquitectura menor*, contrasta a ideia de território ou meta-geografia ibero-americana com a multiplicidade social e cultural que corresponde a esse território. Em alternativa, encetando também uma crítica ao fascínio pelo informal, sugere que se foque a atenção não sobre a escala do território, mas sobre a escala da cidade, por forma a pensar as condições para um processo de menorição da prática da arquitectura.

Nesta sequência, a contribuição de Godofredo Pereira *Feitiço, Arquitectura e Território*, sugere a desconexão contemporânea entre a profissão de arquitectura e a necessidade de uma política espacial crítica. Partindo da influência que os “anos entre os brancos” tiveram sobre o posicionamento político da obra de Lina Bo Bardi, assim como a proximidade desta com a conceptualização de uma ecologia radical desenvolvida por Félix Guattari, procura pensar a importância “feiticista” de certos objectos enquanto elementos transversais que dão corpo uma relação entre território e existência, enquanto lugar de transformação e luta política.

Ainda sobre a problemática da emancipação social no Brasil, a contribuição de Paulo Tavares, *Abertura – Trilogia da Terra* é um projecto vídeo de investigação sobre os desdobramentos urbanos e territoriais do processo de redemocratização no Brasil no período designado de “Abertura”. A partir de um conjunto de entrevistas e dos registos das viagens de Félix Guattari ao Brasil, documentada em *Micropolítica: cartografias do desejo*, o autor mostra como a questão do direito à terra estava no centro das lutas políticas e sociais, à escala urbana, agrária e territorial.

Prosseguimos com o Colectivo Situaciones que nos traz uma reflexão produzida com outros colectivos no Taller Hacer Ciudad. *Cidade Multiforme: o caso do Indoamericano* analisa a ocupação do parque indoamericano em Buenos Aires

